


MACABÉA NO CALEIDOSCÓPIO DA VIDA: SUBJETIVIDADE, EXISTÊNCIA E INVISIBILIDADE EM *A HORA DA ESTRELA*

MACABÉA IN THE KALEIDOSCOPE OF LIFE: SUBJECTIVITY, EXISTENCE, AND INVISIBILITY IN *A HORA DA ESTRELA*

Francisco Henrique Oliveira Mouraⁱ

 <https://orcid.org/0000-0001-6022-9534>

Antônia de Jesus Salesⁱⁱ

 <https://orcid.org/0000-0003-1369-2539>

Resumo: O presente artigo analisa a personagem Macabéa, protagonista do romance *A Hora da Estrela* (1998), de Clarice Lispector, à luz do conceito de capital cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu juntamente com os aportes de Heidegger, Jean-Paul Sartre e Raymond Williams, que se complementam na investigação. A investigação evidencia como a ausência de recursos simbólicos, educacionais e sociais delimita o horizonte existencial da personagem, restringindo suas possibilidades de mobilidade e reconhecimento social. A partir da narrativa conduzida por Rodrigo S. M., observa-se como a invisibilidade de Macabéa se manifesta não apenas na precariedade material, mas também na exclusão simbólica, que reforça sua marginalidade no espaço urbano. Além disso, discutem-se as implicações estéticas e éticas da escrita lispectoriana, marcada por tensões entre subjetividade e objetividade, vida e ficção. O estudo conclui que Macabéa representa a figura paradigmática da exclusão social e cultural, cuja trajetória lança luz sobre os mecanismos de desigualdade ainda presentes na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Macabéa; capital cultural; invisibilidade; existência.

Abstract: *This article analyzes the character Macabéa, protagonist of Clarice Lispector's novel A Hora da Estrela (1998), in light of Pierre Bourdieu's concept of cultural capital together with the contributions of Heidegger, Jean-Paul Sartre, and Raymond Williams, which complement one another in the investigation. The research highlights how the absence of symbolic, educational, and social resources limits the character's existential horizon, restricting her possibilities of mobility and social recognition. Through the narrative conducted by Rodrigo S. M., it becomes evident that Macabéa's invisibility is manifested not only in material precariousness but also in symbolic exclusion, which reinforces her marginality within the urban space. Furthermore, the paper discusses the aesthetic and ethical implications of Lispector's writing, marked by tensions between subjectivity and objectivity, life and fiction. The study concludes that Macabéa embodies the paradigmatic figure of social and cultural exclusion, whose trajectory sheds light on the mechanisms of inequality that remain present in contemporary society.*

Keywords: *Macabéa; cultural capital; invisibility; existence.*

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.77326

Recebido em: 19/11/2025

Aprovado em: 01/12/2025

ⁱ Especialista em Literatura Brasileira (PROMINAS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8983450398261901>. E-mail: henrikmoura01@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0619140274650159>. E-mail: antonia.jesus@ifce.edu.br.



1 INTRODUÇÃO

O romance *A Hora da Estrela* (1998), última obra publicada em vida por Clarice Lispector, oferece uma reflexão pungente sobre a invisibilidade social e a marginalização cultural vividas por grupos subalternizados. Por meio da personagem Macabéa, uma jovem nordestina órfã e de origem pobre que migra para o Rio de Janeiro, Lispector constrói uma narrativa em que o realismo cru se mescla a uma sensibilidade poética, revelando as contradições da existência humana quando atravessada pela pobreza e pela exclusão. A obra, narrada por Rodrigo S.M., problematiza tanto a condição social da protagonista quanto os limites éticos e estéticos de narrar vidas consideradas “insignificantes” para a sociedade.

Nesse contexto, o conceito de capital cultural, desenvolvido por Pierre Bourdieu em parceria com Jean-Claude Passeron (1964; 1998), fornece uma chave interpretativa relevante para compreender a experiência de Macabéa. A ausência desse capital, em suas formas incorporada, objetivada e institucionalizada, explica em grande parte sua incapacidade de decifrar os códigos sociais e culturais da modernidade urbana carioca. Ao mesmo tempo, a personagem exemplifica os efeitos da violência simbólica que naturaliza desigualdades e legitima a dominação cultural.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar a trajetória de Macabéa em *A Hora da Estrela* (1998) à luz da teoria bourdieusiana, evidenciando como a falta de capital cultural delimita suas possibilidades de inserção social, suas relações afetivas e sua visão de mundo. A pesquisa pretende demonstrar como a literatura clariceana antecipa, em chave estética, os mecanismos de reprodução cultural e de exclusão simbólica discutidos pela sociologia da educação e da cultura. A presente análise será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que articula os estudos literários à teoria sociológica. O ponto de partida consiste em uma leitura atenta de *A Hora da Estrela* (1998), identificando os elementos narrativos que revelam a condição cultural e social de Macabéa.

Em seguida, a discussão se apoiará no referencial teórico de Pierre Bourdieu, especialmente nas obras *Les Héritiers* (1964), *La Reproduction* (1970) e *A Economia das Trocas Simbólicas* (1998), bem como em comentadores nacionais (Cunha, 2007; Almeida, 2007), que aprofundam a noção de capital cultural, habitus e violência simbólica. Esses conceitos serão utilizados como instrumentos de leitura para interpretar a precariedade cultural da personagem e suas interações sociais, também contamos com o aporte teórico de Heidegger, em *Ser e Tempo* (2012) que nos permite uma melhor compreensão do tema.



Junto com a metáfora do caleidoscópio permite compreender a estrutura fragmentária do romance, no qual diferentes peças, personagens, vozes narrativas, reflexões metalinguísticas se articulam em constante movimento e rearranjo. Assim como o caleidoscópio revela novas imagens a cada movimento, a narrativa clariceana apresenta múltiplas camadas interpretativas que se sobrepõem e se organizam conforme a leitura avança. Em *A Hora da Estrela* (1998), não se trata apenas de contar a história de uma moça pobre do sertão nordestino que migra para o Rio de Janeiro, mas de revelar como essa história é mediada, filtrada e, de certo modo, distorcida pela consciência do narrador, que se torna personagem tanto quanto a própria Macabéa.

A linguagem de *A Hora da Estrela* (1998), acompanha essa proposta caleidoscópica e fragmentária. As frases curtas, a repetição de palavras, a interrupção constante do fluxo narrativo, tudo isso compõem uma tessitura textual que reflete o estado emocional e social de seus personagens. Rodrigo S.M. fala consigo mesmo, com o leitor e com a própria Clarice, criando um campo de tensões em que o sentido nunca é fixo, mas está sempre em deslocamento. É como se a autora estivesse o tempo todo girando o tubo do caleidoscópio, forçando o leitor a ver novas formas, novos sentidos, novas cores.

A metodologia, portanto, não busca estabelecer paralelos rígidos entre teoria e literatura, mas evidenciar como a narrativa literária pode funcionar como espaço de revelação de mecanismos sociais. Ao analisar a ausência de capital cultural em Macabéa, pretende-se mostrar como a ficção clariceana, ao mesmo tempo que denuncia desigualdades, dialoga com categorias sociológicas que ajudam a compreender a perpetuação da exclusão cultural e educacional.

2 A HORA DA ESTRELA

A Hora da Estrela (1998), romance de Clarice Lispector, narra a trajetória de Macabéa, uma jovem nordestina marcada pela invisibilidade social, pela pobreza e pela violência de gênero. Através de uma linguagem ao mesmo tempo inovadora e sensível, a autora conduz o leitor por uma jornada de reflexões que entrelaçam o realismo cru à poesia, revelando as contradições da existência em meio à marginalização e à subalternização. A condução da narrativa é feita por Rodrigo S.M., narrador-personagem que desde o início revela inquietações sobre seu papel como criador da história e mediador da voz de Macabéa. Órfã de pai e mãe, a personagem foi criada por uma tia autoritária e violenta, e após sua morte passa a viver em uma



pensão no Rio de Janeiro, dividindo um quarto com outras quatro jovens igualmente esquecidas pela família e sociedade.

A voz de Rodrigo expressa constantemente um cuidado ético em relação à personagem, ao mesmo tempo em que expõe os limites e tensões do ato de narrar vidas consideradas “insignificantes” pela lógica dominante. Essa dinâmica revela não apenas o sofrimento silencioso de Macabéa, mas também a crítica social presente na obra, uma crítica que se faz tanto pelo conteúdo quanto pela forma da narrativa, como afirma Lispector:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta (Lispector, 1990, p. 46).

Clarice Lispector, uma das vozes mais singulares da literatura brasileira, é conhecida por uma escrita profundamente introspectiva e existencial, marcada pela busca do ser, da linguagem e da essência humana. Em *A Hora da Estrela* (1998), sua última obra publicada em vida, Clarice articula essas características de modo ainda mais contundente ao apresentar uma narrativa que conjuga denúncia social e mergulho subjetivo, tendo como protagonista a nordestina Macabéa e como narrador Rodrigo S.M. O livro nasce do confronto entre uma figura invisibilizada pela sociedade e um narrador que hesita em narrar sua história, criando um jogo entre revelação e apagamento, entre silêncio e voz. Essa tensão é representada de maneira simbólica pela metáfora do caleidoscópio, que pode ser aplicada tanto à forma narrativa quanto ao conteúdo da obra.

Rodrigo S.M. é um narrador que não apenas narra, mas também reflete sobre o ato de narrar. Desde as primeiras páginas, ele declara que está escrevendo por falta de assunto, reconhecendo a suposta irrelevância da história que se propõe a contar. Ainda assim, insiste: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos olham” (Lispector, 1998, p. 16). Essa frase revela, ao mesmo tempo, o preconceito social que pesa sobre Macabéa e o esforço do narrador em romper com essa lógica de apagamento. Rodrigo hesita, se contradiz, digressa, interrompe a narrativa e, ao fazer isso, a transforma em um espaço de experimentação e autoconfronto. Sua função é ambígua: ele se coloca como mediador da visão da protagonista, mas também como uma espécie de espelho, refletindo suas próprias inquietações sobre a sociedade que o cerca.

A fragmentação da narrativa está diretamente ligada à fragmentação da própria personagem. Macabéa é descrita em termos mínimos: sua aparência, sua rotina, seus desejos ou



a ausência deles são apresentados de maneira quase burocrática, sem grandes epifanias, até o momento final em que vislumbra uma estrela antes de morrer. Clarice, no entanto, constrói essa personagem aparentemente “sem importância” para revelar justamente o contrário: sua existência carrega a violência do esquecimento social e a beleza trágica de uma vida que insiste em ser vivida, mesmo nos limites da miséria e da ignorância. Como observa o narrador: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. Vida que tanto amo”. (Lispector, 1998, p. 33). A frase, além de expressar a alienação da personagem, também denuncia o olhar da sociedade que prefere não ver, não ouvir, não reconhecer sua existência enquanto pessoa.

Além disso, o narrador se coloca em constante conflito ético: ele sabe que está falando por uma personagem que não tem voz, que sua mediação pode ser tanto um gesto de empatia quanto de apropriação. Por isso, se questiona, se censura, se desdobra. A narração de Rodrigo S.M. não é apenas um exercício estético; é também um ato político, uma tentativa ainda que frustrada de dar visibilidade a uma figura marginalizada. Ao longo do texto, Clarice parece perguntar: é possível narrar o outro sem trair sua experiência? É possível transformar a invisibilidade em presença sem cair na caricatura?

A tensão ética que atravessa a narração de Rodrigo S. M. se articula diretamente à própria estrutura caleidoscópica de *A Hora da Estrela*, onde cada gesto de contar implica também um gesto de questionar. Ao assumir a mediação da história de Macabéa, o narrador reconhece que sua tentativa de dar voz à personagem pode simultaneamente iluminá-la e traí-la, revelando o caráter ambíguo e politicamente carregado de toda representação.

É nesse movimento de dúvida, autocrítica e desdobramento que a narrativa se fragmenta, multiplicando perspectivas como um caleidoscópio em constante rotação. Assim, o conflito ético do narrador se torna parte do próprio processo estético, pois cada hesitação, cada correção, cada comentário metalinguístico reconfigura a forma e o sentido do romance. Clarice, ao tensionar os limites entre verdade e ficção, entre visibilidade e silenciamento, convida o leitor a participar desse jogo interpretativo, recompondo os fragmentos e produzindo sentidos sempre provisórios. A obra, portanto, não apenas expõe a vulnerabilidade do narrador diante da impossibilidade de narrar o outro com plena fidelidade, mas transforma essa impossibilidade em força estética, revelando o lugar político da escrita.

Essa multiplicidade de vozes e sentidos faz de *A Hora da Estrela* (1998), um romance caleidoscópico por excelência. A metáfora se torna ainda mais potente quando consideramos

que cada leitor pode girar esse caleidoscópio à sua maneira, recombina os fragmentos narrativos e construindo novas interpretações. A obra não se fecha em um único sentido, mas convida à releitura constante. Rodrigo S.M., como operador dessa engrenagem caleidoscópica, é ao mesmo tempo autor e vítima do processo de escrita. Ele deseja contar a verdade, mas sabe que toda verdade é parcial, construída, subjetiva, essa tensão entre subjetividade e objetividade, entre o real e o imaginado, entre o dito e o silenciado, é uma das marcas mais fortes da escrita clariceana.

Em *A Hora da Estrela* (1998), ela atinge um ponto de maturidade em que a literatura se funde com a filosofia, a sociologia e a ética. A figura de Macabéa, que parecia inicialmente insignificante, ganha contornos universais. Sua morte trágica, provocada por um carro importado no momento em que finalmente vislumbra um destino, é a metáfora final de um sistema que destrói justamente quando promete libertar-se.

Em última instância, a narrativa de Clarice Lispector, mediada por Rodrigo S.M., nos coloca diante de uma pergunta fundamental: como dar forma a vidas que o mundo insiste em manter sem forma? Como representar a existência daqueles que não têm voz, que não têm estrela, que não têm nome? Macabéa não sabia de sua própria existência, não conhecia o seu eu, sua individualidade, o seu ser, sem voz e sem noção de mundo presa em um modo automático de viver. “É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro. Domingo ela acordava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada”. (Lispector, 1998, p. 35). Esse vazio existencial e material de Macabéa revela a precariedade de uma vida marcada pela ausência de oportunidades e pela alienação diante do próprio ser. Sua rotina automática denuncia uma forma de sobrevivência que não chega a se configurar como vida plena, mas apenas como passagem anônima pelo mundo.

O “não fazer nada” de seus domingos não é descanso e nem ócio, mas sim a expressão da falta de sentido, do vazio que ocupa seu cotidiano. O narrador, ao expor essa dimensão, questiona o lugar social destinado àqueles que vivem nas margens da sociedade. Macabéa encarna, assim, o silêncio coletivo dos invisíveis. Sua ausência de identidade individualizada é, na verdade, um reflexo de uma estrutura social excludente. Clarice, ao narrar esse vazio, transforma-o em presença literária. E nesse gesto, concede à personagem uma estrela ainda que tardia, ainda que breve.

3 MACABÉA E A CONDIÇÃO EXISTENCIAL: DIÁLOGOS ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA EM *A HORA DA ESTRELA*



Em *A Hora da Estrela* (1998), Macabéa é justamente a personagem que parece não reconhecer sua própria liberdade: vive na repetição mecânica, apagada pela rotina de datilógrafa mal remunerada, sem consciência clara de suas possibilidades. Sua vida reduzida ao cotidiano banal exemplifica a alienação diante do infinito, permanecendo na esfera do imediato e sem abertura para o mundo que a cerca.

No entanto, a angústia não é patologia, mas a experiência fundante da condição humana. Embora Macabéa não tenha consciência filosófica de sua liberdade e do seu eu, o romance sugere que sua ingenuidade esconde um confronto silencioso com a existência. Sua solidão, marcada pela falta de laços familiares e afetivos, coloca-a numa situação em que a liberdade poderia emergir. O vazio de sua vida cotidiana é justamente o campo onde a subjetividade se revela como possibilidade, ainda que ela não a reconheça explicitamente.

A subjetividade é o espaço onde a verdade se manifesta. Essa ideia encontra eco na personagem clariceana, cuja verdade não se encontra em sua posição social ou em sua condição objetiva, mas em sua forma singular de existir. Mesmo sem refletir sobre si mesma, Macabéa carrega uma interioridade que não pode ser reduzida a estatísticas de pobreza ou anonimato. A verdade de sua vida é vivida, não conceituada.

Além disso Clarice, ao narrar Macabéa, faz o mesmo movimento: rejeita um olhar universalizante sobre a nordestina pobre e dá voz a um ser único, irrepetível, cuja vida só pode ser compreendida na singularidade de sua existência. “A única coisa que queria era viver. Não sabia pra quê, não indagava” (Lispector, 1998, p. 27). A fé cega na cartomante, embora absurda, é um salto existencial: Macabéa aposta em uma promessa futura sem garantias, como se se lançasse ao infinito para realizar sonhos que nem mesmo ela sabia que tinha.

A angústia aparece, ainda que de forma velada, no contraste entre o desejo de Macabéa por algo além e sua incapacidade de nomeá-lo. Sua esperança infantil em um destino melhor reflete a abertura ao infinito, mas também o peso da liberdade que ela não sabe exercer. Sua ingenuidade não elimina a condição ontológica de ser livre; pelo contrário, revela o paradoxo humano de viver entre a necessidade e a possibilidade. Assim, podemos compreender Macabéa como sujeito da verdade existencial. Sua vida, aparentemente insignificante, entretanto cada indivíduo é insubstituível, e sua existência é o espaço onde a verdade se realiza. Viver autenticamente, em seu caso, seria reconhecer essa liberdade e assumir a responsabilidade por sua própria vida. Clarice, porém, mostra o trágico: Macabéa não chega a essa consciência plena, permanecendo prisioneira do imediato.



Heidegger, em *Ser e Tempo* (2012), define o homem como *Dasein*¹, o ser que existe de modo privilegiado porque pode questionar o seu próprio ser. “A essência do *Dasein* consiste em sua existência”. (Heidegger, 2012, p. 67). Em *Macabéa*, essa definição se encarna de forma radical: sua vida precária não impede que ela seja, em sua singularidade, uma abertura para o mundo. “Encontrar-se consigo mesma era um bem que até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. até se deu o luxo de ter tédio um tédio muito distinto” (Lispector, 1998, p. 42). Ainda que sua consciência seja limitada, a narrativa clariceana a insere em um horizonte de questões ontológicas universais.

A angústia, para Heidegger, é a experiência que retira o véu do cotidiano e revela o nada. “Na angústia, o mundo se retira”. (Heidegger, 2012, p. 184). *Macabéa* vive mergulhada na invisibilidade mesmo antes de vir ao mundo. “Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia” (Lispector, 1998, p. 28). Sua vida automática e resignada é a expressão da inautenticidade. No entanto, é no choque da morte que essa existência ganha relevo, pois ali o véu se rompe e o nada aparece.

A morte, para Heidegger, é a possibilidade mais própria, intransferível e insuperável. (Heidegger, 2012). Clarice inscreve essa verdade ontológica na narrativa: *Macabéa*, ao morrer atropelada, realiza sua condição mais autêntica. “A morte é um encontro consigo, deitada, morta, era tão grande quanto um cavalo morto. O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso” (Lispector, 1998, p. 86). A ironia é que sua morte acontece logo após ouvir da cartomante uma promessa de felicidade futura, uma abertura ilusória que nunca se cumpre. O ser-para-a-morte, assim, não é apenas conceito filosófico, mas experiência narrada literariamente.

Macabéa permanece invisível até sua morte. Só nesse instante se torna visível como sujeito. Heidegger argumenta que assumir a finitude é o caminho para a autenticidade, mas a personagem clariceana não chega a essa apropriação consciente. Sua vida permanece marcada pelo anonimato; ainda assim, sua morte rompe o silêncio, revelando que mesmo a existência mais apagada está atravessada pela finitude constitutiva do ser.

¹ *Dasein* é um termo filosófico utilizado por Martin Heidegger que pode ser traduzido como “ser-aí” ou “ser-no-mundo”. Este conceito descreve a existência humana, enfatizando a relação do ser humano com o mundo e com os outros. *Dasein* é fundamental na filosofia existencialista e fenomenológica, pois aborda a compreensão do ser como essencial para entender a experiência humana.

Clarice, com isso, parece dar corpo ao diagnóstico heideggeriano: a maior parte da vida humana se dá na inautenticidade, mas é a proximidade da morte que traz a possibilidade da autenticidade. Em Macabéa, a morte não é apenas o fim, mas o momento em que sua existência se torna reveladora para o leitor, se não para a própria personagem. “Ela estava enfim livre de si e de nós” (Lispector, 1998, p. 86). Portanto, Heidegger ilumina a figura de Macabéa como ser-para-a-morte. Sua trajetória evidencia que a finitude é inevitável e que a vida só se torna plenamente significativa quando confrontada com esse limite. Clarice inscreve, na morte trágica da nordestina anônima, a dimensão mais profunda da condição humana, a certeza da morte como horizonte da liberdade.

Jean-Paul Sartre sintetiza o existencialismo moderno ao afirmar que “a existência precede a essência” (Sartre, 2010, p. 15). Isso significa que o homem não possui natureza prévia: constrói-se a partir de seus atos. Macabéa, nesse sentido, é exemplo trágico dessa condição: não há destino inscrito em sua origem nordestina ou em sua pobreza; sua vida é o resultado de escolhas, ainda que mínimas, e de uma liberdade que se exerce mesmo quando não reconhecida.

Sartre afirma que “o homem está condenado a ser livre” (Sartre, 2010, p. 24). Condenado, porque não pode deixar de escolher; livre, porque cada ato projeta seu ser no mundo. Macabéa, sem consciência clara dessa condenação, escolhe em cada gesto: ouvir a Rádio Relógio, comer cachorro-quente, acreditar nas promessas da cartomante. Pequenas escolhas, mas que revelam sua tentativa de preencher o vazio da existência. Sua ingenuidade não a liberta da condição de ser livre, apenas a mantém distante da consciência desse peso.

Essa liberdade acarreta responsabilidade radical: “ao escolher por si, escolhe por todos”. (Sartre, 2010, p. 31). No entanto, Macabéa não assume esse peso. Vive na “*má-fé*” (*mauvaise foi*), isto é, nega sua liberdade ao se refugiar em papéis sociais e justificativas externas. Sua submissão ao namorado Olímpico e sua crença cega na cartomante são exemplos de como transfere a responsabilidade de sua vida a outros, evitando assumir sua própria autoria existencial.

A angústia, em Sartre, é a consciência da liberdade. “Na angústia, o homem se descobre como legislador” (Sartre, 2010, p. 35). Em Macabéa, essa angústia nunca se torna reflexão consciente, mas se insinua no vazio de sua vida. O sentimento de deslocamento, a ausência de pertencimento e sua marginalidade são expressões de uma angústia velada, ela é livre, mas não sabe o que fazer com essa liberdade.

Ainda assim, sua existência revela o núcleo da filosofia sartreana: “o homem não é nada mais do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre, 2010, p. 42). Macabéa não é reduzida à pobreza ou ao anonimato social, ela é a soma de seus gestos e escolhas, por mais frágeis que pareçam. Clarice, ao narrá-la, mostra que até mesmo a vida mais apagada é exercício de liberdade e responsabilidade, ainda que inconscientes.

Portanto, Sartre ajuda a compreender Macabéa como figura da liberdade trágica. Sua condenação à liberdade se manifesta no paradoxo de viver sem consciência plena de sua responsabilidade. Clarice, ao construir a personagem, encena literariamente o drama sartreano, a liberdade não é privilégio dos lúcidos ou instruídos, é condição inescapável de todo ser humano, mesmo da nordestina pobre e invisível que, ao morrer, finalmente se torna protagonista de sua própria história.

3.1 Deserdados culturais: Macabéa e a lógica da exclusão simbólica

Antes de falarmos de capital cultural devemos nos atentar para o significado da palavra cultura como afirma em seu livro *Palavras-Chave* (2007), segundo Raymond Williams:

Culture é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis (Williams, 2007, p. 117).

Dessa forma, quando falamos em cultura, não estamos diante de um conceito unívoco, mas de uma noção multifacetada, que se modifica conforme o campo de aplicação e o contexto histórico. Williams (2007) ressalta que a palavra pode abarcar desde significados ligados ao cultivo e ao desenvolvimento humano, até interpretações que a vinculam às práticas simbólicas, às formas de vida e às produções materiais e imateriais de uma sociedade. Assim, compreender a cultura exige reconhecer sua complexidade e pluralidade, pois ela se manifesta tanto como um processo em constante transformação quanto como um campo de disputa de sentidos, influenciando diretamente a forma como pensamos capital cultural.

O conceito de capital cultural, formulado por Pierre Bourdieu em parceria com Jean-Claude Passeron em *Les héritiers* (1964), refere-se ao conjunto de saberes, disposições, gostos e práticas culturais que os indivíduos herdam ou adquirem em sua trajetória social. Este capital se manifesta em três formas: incorporada hábitos, disposições, objetivada bens culturais, como livros, obras de arte e institucionalizada diplomas, certificados. Em *A Hora da Estrela* (1998),



de Clarice Lispector, a personagem Macabéa encarna a ausência desse capital, vivendo em um universo em que a cultura escolar e social lhe é distante quase impossível de se ter, o que reforça sua condição de exclusão.

Macabéa, nordestina pobre que migra para o Rio de Janeiro, é retratada como alguém desprovida das ferramentas culturais necessárias para se inserir plenamente na sociedade urbana. Segundo Cunha (2007), a desigual distribuição do capital cultural estimula a dominação dos grupos que detêm esse recurso sobre aqueles que não o possuem. Nesse sentido, a vida de Macabéa exemplifica como a falta desse capital a torna incapaz de compreender e dominar os códigos culturais e sociais que regem o mundo ao seu redor.

Sua relação com a leitura e o conhecimento revela essa lacuna. Macabéa, datilógrafa de baixa renda, não possui acesso à literatura, à informação qualificada nem ao capital cultural legitimado pela escola. Mesmo quando lê revistas baratas ou ouve rádio relógio, seu contato com a cultura é fragmentado e superficial. Isso reforça a análise de Bourdieu (1998) de que a escola e os meios de consagração cultural reproduzem desigualdades, pois legitimam apenas os saberes próximos da elite, como afirma Lispector:

Nessa rádio eles dizem coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?.
Silêncio.
Eu sei mas não quero dizer.
Eu gosto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac
A rádio relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura?.
Cultura é cultura, continuou ele emburrado. Você também vive me encostando na parede.
É que muita coisa eu não entendo bem (Lispector, 1998, p. 50).

Além disso, a naturalidade com que Macabéa aceita sua ignorância diante do mundo se relaciona ao que Bourdieu chama de violência simbólica: a imposição de valores dominantes que fazem os sujeitos das classes populares verem sua desvantagem como destino pessoal. Macabéa não questiona sua posição social; ao contrário, sente-se grata por pequenos acessos ao mundo urbano, como ouvir anúncios no rádio, consumir produtos baratos e andar no metrô aos domingos.

Sua amizade com outras moças ilustra o papel das conexões sociais no capital cultural. Essas colegas, ainda que também pobres, demonstram maior habilidade em lidar com o mundo urbano, incorporando um *ethos* cultural que Macabéa não possui. Como lembra Bourdieu (1998), o capital cultural é transmitido nas relações sociais cotidianas, e a ausência de

referências familiares e comunitárias sólidas condena Macabéa a uma vida de isolamento cultural.

O relacionamento com Olímpico de Jesus é outro ponto que evidencia a desigualdade simbólica. Olímpico, embora igualmente nordestino e pobre, possui uma ambição que o aproxima de estratégias de ascensão social. Ele demonstra uma consciência prática dos jogos sociais, algo que Bourdieu chamaria de *habitus* estrategista. Já Macabéa, sem esse recurso, torna-se objeto da exploração emocional e simbólica de Olímpico, que a abandona por uma jovem com maior capital de distinção.

A visita de Macabéa à cartomante é emblemática. A busca por respostas mágicas e imediatas para sua vida reflete sua incapacidade de recorrer a formas legitimadas de conhecimento para transformar sua condição. “Ela achava que “lacrima” em vez de lágrima era um erro do homem do rádio. Nunca lhe ocorrera a existência de outra língua e pensava que no Brasil se falava brasileiro” (Lispector, 1998, p. 52). O saber mágico substitui o saber escolar ou científico, demonstrando o que Cunha (2007) identifica como a exclusão simbólica daqueles que não dominam os códigos da cultura dominante.

Ao contrário das classes médias e altas descritas por Bourdieu e Passeron (1964), que naturalizam o acesso à cultura legítima, Macabéa é condenada à precariedade cultural desde a infância. Sua falta de herança familiar em termos de capital cultural já que foi criada por uma tia igualmente pobre e rude comprometeu seu desempenho escolar e sua relação com o mundo, reproduzindo o ciclo de desigualdades assim retroalimentando o sistema de exclusão e pobreza.

A escola, para Macabéa, não foi espaço de emancipação, mas sim de exclusão silenciosa. Conforme mostram Bourdieu e Passeron (1964), a escola consagra os favorecidos e deslegitima os desfavorecidos, transformando desigualdades sociais em aparentes desigualdades de mérito. Assim, sua trajetória escolar não foi suficiente para romper com a posição marginalizada que ocupava. Sua intimidade com a cultura urbana se dá apenas pela via do consumo passivo: ela se identifica com estrelas de cinema ou propagandas de rádio, sem compreender plenamente os códigos simbólicos em jogo. Isso exemplifica o que Almeida (2007) chama de luta pela legitimação cultural, em que Macabéa ocupa apenas a posição de espectadora, nunca de protagonista.

Outro aspecto relevante é sua incapacidade de transformar o pouco que possui em capital simbólico. Bourdieu (1992) sugere que mesmo os dominados podem adotar estratégias para converter recursos mínimos em reconhecimento. Porém, Macabéa carece de disposições para esse jogo, permanecendo em estado de vulnerabilidade cultural e social.

Em termos bourdieusianos, Macabéa encarna a figura do deserdado cultural. Sua vida mostra que a falta de capital cultural não é apenas uma limitação individual, mas resultado de um processo histórico e social de exclusão. Ao contrário de Olímpico, que tenta jogar o jogo social, Macabéa é derrotada antes mesmo de compreender as regras.

Assim, *A Hora da Estrela* (1998) pode ser lida como a narrativa da carência absoluta de capital cultural e de como essa carência define os destinos sociais. A morte de Macabéa, após receber uma previsão ilusória de felicidade pela cartomante, simboliza a impossibilidade de romper com a dominação simbólica que a domina desde o nascimento. Clarice Lispector, ao criar essa personagem, antecipa de forma literária as teses de Bourdieu sobre a reprodução das desigualdades culturais e educacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *A Hora da Estrela* (1998) à luz do conceito de capital cultural permitiu compreender como a trajetória de Macabéa não é apenas uma ficção literária, mas também um retrato simbólico de processos sociais concretos que perpetuam a desigualdade. A ausência de disposições culturais incorporadas, de bens culturais objetivados e de títulos institucionalizados marca a vida da personagem e a condena a uma condição de vulnerabilidade permanente, tornando-a incapaz de decifrar os códigos que regem o mundo moderno e urbano.

Clarice Lispector, ao construir uma personagem que parece “sem importância”, revela a profundidade das estruturas de exclusão que se escondem atrás de vidas silenciadas. O olhar literário de Clarice antecipa, em chave estética, o diagnóstico sociológico de Bourdieu, mostrando que a marginalidade cultural não é fruto de escolhas individuais, mas de um processo de reprodução social que legitima a desigualdade como natural.

Além disso, a análise evidencia como a literatura pode dialogar com a sociologia, abrindo caminhos para leituras interdisciplinares. Ao mesmo tempo em que o romance expõe a dimensão subjetiva e existencial de Macabéa, ele também denuncia a violência simbólica que aprisiona sujeitos subalternizados em condições de exclusão. Essa articulação revela a potência da obra literária como ferramenta de compreensão da realidade social.

Por fim, este estudo não se esgota em si mesmo. Ao contrário, abre possibilidades de aprofundamento futuro, seja na comparação entre Macabéa e outras personagens marginalizadas da literatura brasileira, seja no diálogo com diferentes teorias críticas, como os estudos decoloniais ou de gênero. Assim, *A Hora da Estrela* (1998) permanece como campo



fértil para investigações que ampliem a compreensão da exclusão simbólica e cultural, demonstrando que a literatura continua sendo espaço privilegiado de reflexão sobre a condição humana e social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 1983.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BOURDIEU, P. Wacquant, L. *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

CUNHA, M. A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 503-524, jul./dez. 2007.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SETTON, M. G. J. Um novo capital cultural: pré disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 90, p. 77-105, jan./abr. 2005.

WILLIAMS, R. *Palavras-chave: Dicionário de cultura e sociedade*. São Paulo. Boitempo, 2007.

